O CLONE EDUCATIVO

Andrea Cecilia Ramal

Referência: RAMAL, Andrea Cecilia. “O clone educativo”. Rio de Janeiro: O Globo, 18 de abril de 2002.

O Clone é uma novela *pedagógica*: os personagens não se limitam a viver os romances tradicionais, mas ensinam sobre os efeitos das drogas, os limites da genética, os conflitos entre culturas. Inaugura-se uma nova fase na mídia, que articula pedagogia, conscientização ética e gestão de conhecimento.

Os índices de audiência são altos. Como explicar esse fenômeno, levando em conta que outras emissoras com finalidades marcadamente educacionais nem se aproximam de um sucesso semelhante? A resposta pode estar no tipo de pedagogia utilizada: em *O Clone*, podem ser apreciados vários elementos da didática mais atual e eficaz.

Um exemplo: evitam-se os discursos de viés maniqueísta e moralista. No tema dos tóxicos, o personagem que cumpre o papel de “mestre” nunca diz “a droga é ruim”. Com realismo, não hesita em reconhecer que “seu efeito é ótimo”. Cria uma identificação inicial com o viciado, e depois conta a própria experiência: “Eu gosto da droga; mas ela faz de mim o que não quero ser”. Longe de dar todas as respostas e “resolver o problema pelo aluno”, o convite é para encontrar as mensagens implícitas. É a chamada “construção do conhecimento”, que não transmite o conteúdo pronto e acabado, de forma banal e óbvia, mas permite que o indivíduo reflita e busque por si mesmo, chegando às próprias conclusões.

Outro recurso didático é a utilização de casos concretos. Os personagens visitam uma clínica de ex-dependentes químicos e ouvem depoimentos de pessoas que poderiam ser como qualquer um dos espectadores. Vida e ficção se misturam na leitura das experiências. Nada de aula teórica: a tela deixa-se impregnar pelo real e, dialeticamente, torna-se capaz de atingi-lo.

Na discussão sobre clonagem, a argumentação integra diferentes óticas: a da fé, a da ciência, a do senso comum. Está formada uma trilogia necessária e, muitas vezes, esquecida nos processos educacionais. O que se ensina: além dos riscos da manipulação genética, o fato (fundamental para a conscientização ética) de que a

maioria dos problemas sociais tem vários lados; que há anseios de divindade no cientista que sonha vencer a morte, como também há apelos da mesma divindade na voz do sacerdote que rejeita incondicionalmente tudo o que possa violar a dignidade humana. Entre as argumentações de um e outro, transitam as vidas comuns, quase coadjuvantes, dos que são atravessados por um ato de tamanho impacto moral que seu cotidiano não pode continuar impune. O efeito da transgressão é o caos. De novo a didática correta: não apenas uma, mas muitas falas são ouvidas, numa interação bem mais formativa do que os monólogos. *O Clone* oferece a teia lingüística na qual os diferentes sujeitos identificam a própria voz em meio à grande arena das contradições.

O fenômeno da televisão que se torna pedagógica tem suas razões: na era digital, o conhecimento é um dos elementos-chave do jogo social, e sua gestão é apropriada por instâncias que até hoje não se ocupavam dele explicitamente. Uma delas é a Internet, que por ser interativa e disponibilizar informação das maneiras mais variadas, conquista o *status* de espaço educacional. Na rede, o conhecimento é móvel e flexível, cria-se, dispersa-se e é recriado por indivíduos e grupos que aprendem uns com os outros, a todo instante. Um ambiente assim - intercultural, multifacetado, diverso e enriquecedor - fascina e atrai cada vez mais.

Dando-se conta disso, a TV muda seus rumos: faz nascer a interatividade nos telefonemas que elevam o espectador passivo à condição de participante e até de autor, deixando-lhe definir o rumo de programas. Derruba as fronteiras espaciais (afinal, na Web - e agora na novela - o Marrocos é logo ali!). Os discursos não trazem a “moral da história”, como no ensino tradicional, mas convidam a experimentar por dentro uma trama que, a partir do conflito de interesses e visões, propõe abandonar a mesmice confortável e olhar para o diferente.

É nesse momento que a TV “ensina” a escola. Há muito se fala da necessidade de uma educação para os meios, na qual se discutam os programas e suas ideologias e se promova a tolerância e o diálogo intercultural, formando sujeitos atuantes na sociedade e comprometidos com valores humanos. Agora o desafio toca ainda mais de perto os educadores e literalmente invade seu espaço. A Internet provoca a TV e esta, por sua vez, transpõe as fronteiras da sala de aula e lhe mostra que também sabe ser didática, com um ensino próximo da vida, uma proposta intercultural, uma abertura para a postura ativa do “estudante” e uma nova função social. Está construído o inusitado círculo da cibercultura, no qual o conhecimento flui e não há

mais quem só ensina ou quem só aprende, mas os ambientes e os personagens educacionais se confundem e trocam de papéis. Nisso, uns modificam os outros e todos têm a oportunidade de crescer juntos.